



D. Lyrio é o novo presidente da CNBB

Com 92% dos votos, o recém-nomeado bispo de Mariana, de perfil moderado, surpreende e assumirá o comando da entidade

Maria Teresa Costa
DA AGÊNCIA ANHANGÜERA
teresa@rac.com.br

O recém-nomeado bispo de Mariana, dom Geraldo Lyrio Rocha, foi eleito ontem, com 92% dos votos, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em substituição a dom Geraldo Majella Agnelo. Considerado moderado e homem de diálogo, dom Geraldo Lyrio disse que a CNBB, sob seu comando, terá uma relação cordial com o governo e irá criticar tudo o que não seguir valores evangélicos. Também foi eleito ontem

Eleição da nova direção foi a primeira a usar uma eletrônica

o vice-presidente da entidade, dom Luiz Soares Vieira, arcebispo de Manaus. D. Geraldo Lyrio informou que pedirá ao papa Bento XVI autorização para iniciar processo de beatificação do bispo de Mariana, d. Luciano Mendes de Almeida, falecido recentemente.

"Tenho disposição para conversar com todo mundo, estou pronto a acolher e sou livre para dizer quando não estou de acordo", afirmou. Ele tem 65 anos, é mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino, em Roma, especialista em Liturgia pelo Pontifício Ateneo Anselmo, em Roma. Foi bispo auxiliar de Vitória do Espírito

Santo, arcebispo de Vitória da Conquista (Bahia) e nomeado no início de abril bispo de Mariana.

O novo presidente da CNBB é um bispo aliado com o Vaticano. A eleição de d. Geraldo Lyrio ocorreu durante a 45ª Assembléia Geral da CNBB, em Indaiatuba, e pela primeira vez na história da entidade a votação foi com urna eletrônica. Ele obteve 255 dos 276 votos do plenário. Além do eleito, também eram cotados para o posto o arcebispo de São Paulo, d. Odilo Scherer, de 57 anos, atual secretário-geral da CNBB, e o do arcebispo de Aparecida (SP), d. Raymundo Damasceno, de 69 anos.

Secretário-geral

O secretário-geral, cargo executivo da presidência colegiada da CNBB, será eleito hoje. Os nomes mais cotados são os dos bispos auxiliares d. Dimas Lara Barbosa (Rio) e d. Pedro Luiz Stringhini (SP).

"Assumir a presidência da CNBB não é assumir um cargo, um poder, é assumir um serviço à Igreja, ao Reino de Deus, ao Evangelho, aos irmãos e irmãs, aos que crêem e aos que não crêem aos pequenos, aos pobres, aos que sofrem, aos que estão caídos no meio do caminho, aos excluídos do banquete da vida", afirmou d. Geraldo Lyrio, em sua primeira declaração à imprensa.

O novo presidente da CNBB, que tomará posse no

mem aberto ao diálogo.

Dom Geraldo Lyrio promete manter "a legítima autonomia da Igreja, para que ela possa exercer com liberdade a sua missão e não omitir compromissos". A fome é, em sua avaliação, o maior desafio que os bispos enfrentam em sua ação pastoral. "A fome e a miséria que eu vejo no interior da Bahia, e que estão presentes em outras regiões, me cortam o coração, porque não se pode entender que haja tanta pobreza num país tão rico", disse.

A escolha de d. Geraldo Lyrio era esperada, mas foi surpresa sua eleição por uma quase unanimidade. Os candidatos mais votados, depois dele, foram, com seis votos, o cardeal Geraldo Majella Agnelo, que chega ao final de quatro anos de mandato como presidente, e o arcebispo de Belo Horizonte (MG), d. Walmor Oliveira de Azevedo, com três. D. Odilo Scherer, até agora secretário-geral, teve dois votos. (Com Agência Estado)

Bispos admitem que política social ajuda a manter fiéis

Os bispos brasileiros reconheceram ontem, em Itaiaci, Indaiatuba, que a estabilização da proporção de católicos no País deve-se, além da ação evangelizadora da Igreja, às políticas públicas governamentais. Segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a proporção de católicos parou de cair e se estabilizou em 74% da população entre 2000 e 2003. Para o bispo auxiliar de Belo Horizonte, dom Joaquim Guimarães, esse quadro deve-se muito à redução do nível de miséria do povo. “Sem miséria, as pessoas são mais livres para fazer a adesão de fé e deixam de buscar igrejas que prometem a salvação imediata”, comentou. Embora busquem atribuir à maior presença da Igreja nas periferias mais pobres

— que precisa aumentar, segundo os bispos — é no investimento governamental em políticas públicas, como as que promovem geração de emprego e renda, que está a retenção de fiéis na Igreja Católica. D. Joaquim, que está participando da assembléia geral da CNBB, lembrou que o nível de pobreza nas periferias é muito grande e isso deixa as pessoas suscetíveis às propostas religiosas que venham a indicar a solução para suas vidas. “Na medida em que elas saem do desespero, elas não condicionam sua escolha religiosa a essa esperança depositada no discurso religioso”, analisou. A pesquisa mostrou que caiu a proporção de pessoas que não tinham religião. Elas eram 7,4% e agora são 5,1%. (MTC/AAN)



O novo presidente da CNBB, dom Geraldo Lyrio Rocha, eleito ontem: relação com governo será "cordial"